

OFICINAS DE MÚSICA E SUA IMPORTÂNCIA PARA O CAPS

Rayany das Graças Silva Correia¹
Imaculada Coelho da Silva Cardoso²
Fernanda Bicalho Pereira³

fernandabicalhopereira@gmail.com

ÁREA DO CONHECIMENTO: Ciências da Saúde

RESUMO

Os CAPS são serviços estratégicos determinados pela reforma psiquiátrica com atendimentos baseados em teses comunitárias. De acordo com a Portaria nº. 336/2002 os CAPS devem ser compostos por uma equipe multiprofissional, dos quais devem trabalhar com uma perspectiva interdisciplinar, sendo responsáveis pela instituição durante seu funcionamento e provedores de um ambiente terapêutico acolhedor. As oficinas terapêuticas trazem muitos benefícios para a expressão, o autocuidado e a reinserção do indivíduo em seu ambiente social e familiar. De acordo com o Ministério da Saúde, as oficinas são das principais formas de tratamento ofertadas no CAPS. Diante disso, o objetivo deste trabalho é analisar o uso da musicoterapia com pacientes internos do CAPS. Trabalhos como este são importantes pois nos permitem vislumbrar a influência que a música exerce sobre o indivíduo. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, realizada em um CAPS na Zona da Mata Mineira, em cumprimento do estágio supervisionado do curso de Psicologia do Centro Universitário Univértix. Os resultados mostram como a música em atividade grupal gera emoções positivas e ajuda na construção dos vínculos interpessoais.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde Mental; CAPS; Música; Psicologia.

INTRODUÇÃO

No final da década de 70, iniciou-se o marco da política de saúde mental brasileira, marcado por uma reforma na prática do sistema psiquiátrico vigente, devido às precárias condições de cuidados e as violações de direitos humanos que os hospitais psiquiátricos da época ofereciam (BRASIL, 2005).

Diante de tais violações de direitos, as reformas sanitárias oriundas da Constituição de 1988 com a criação do SUS – Sistema Único de Saúde, mantiveram inicialmente a fundamentação na melhoria das condições de vida dos internos, bem como nas ações de promoção relacionadas ao processo de desinstitucionalização.

¹ Aluna do curso de Psicologia do Centro Universitário Vértice – UNIVÉRTIX.

² Professora do Centro Universitário Vértice – UNIVÉRTIX.

³ Psicóloga. Mestre em Enfermagem. Professora do Centro Universitário Vértice – UNIVÉRTIX.

Assim, gradativamente os hospitais psiquiátricos foram sendo substituídos pelos Centros de Atenção Psicossocial – CAPS, cujo modelo era inspirado nos centros de saúde mental europeus (ALMEIDA, 2019).

Segundo Bernard, Kanan (2015), os CAPS são serviços estratégicos determinados pela reforma psiquiátrica com atendimentos baseados em teses comunitárias. De acordo com a Portaria nº. 336/2002 os CAPS devem ser compostos por uma equipe multiprofissional, dos quais devem trabalhar com uma perspectiva interdisciplinar, sendo responsáveis pela instituição durante seu funcionamento e provedores de um ambiente terapêutico acolhedor (BRASIL, 2002b).

É importante mencionar que cerca de 40% da população que apresenta algum tipo de sofrimento mental ou esquizofrenia, quando comparada à população em geral, possuem muitas vezes uma morte precoce e taxas elevadas de incapacidade (BANDEIRA E ONONCKO, 2021). A Organização Mundial de Saúde – OMS (2013), aponta que cerca de 75% das pessoas com sofrimento mental não recebem tratamento adequado às suas necessidades, resultado de um arraigado subfinanciamento para a promoção de saúde mental além de problemas de equidade e integração da rede de atenção.

Desta maneira, o acolhimento deve ocorrer de forma especial e atento visando a formação de vínculo entre o profissional e o usuário. A escuta é uma importante aliada e deve ser priorizada de modo que o paciente se sinta acolhido e seguro na instituição para expressar suas emoções (PENEDO, 2018). Outrossim, os CAPS, em suas diferentes modalidades realizam atendimentos às pessoas com tratamentos mentais graves e persistentes, assim como às pessoas com sofrimento mental como transtornos mentais em geral, decorrentes de uso de drogas, álcool, depressão, etc, em sua área territorial, seja em situações de crise ou nos processos de reabilitação psicossocial (BRASILIA, 2013).

Campos e Kantorski (2008), enfatizam que as oficinas terapêuticas trazem muitos benefícios para a expressão, o autocuidado e a reinserção do indivíduo em seu ambiente social e familiar. De acordo com o Ministério da Saúde, as oficinas são das principais formas de tratamento ofertadas no CAPS, sendo:

Atividades realizadas em grupo com a presença e orientação de um ou mais profissionais, monitores e/ou estagiários, que podem ser definidas através do interesse dos usuários, das possibilidades dos técnicos do serviço, das necessidades, tendo em vista a maior integração social e familiar, a manifestação de sentimentos e problemas, o desenvolvimento de habilidades corporais, a realização de atividades produtivas, o exercício coletivo da cidadania (BRASIL, 2004, p. 20).

Já a portaria nº. 849, de 27 de março de 2017, inclui uma série de práticas integrativas e complementares, dentre elas, a musicoterapia, seja em grupos ou de forma individualizada, a fim de desenvolver potencialidades.

Diante disso, o objetivo deste trabalho é analisar sobre a utilização de oficinas terapêuticas com o uso da musicoterapia com pacientes internos em um Centro De Atenção Psicossocial no interior da Zona da Mata Mineira.

Trabalhos como este são importantes pois nos permitem vislumbrar a influência que a música exerce de forma ampla e diversificada, sobre o indivíduo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A música está presente na humanidade desde os primórdios, se manifestando de diversas formas, seja de modo cultural artística, educacional, ou terapêutica, possuindo capacidade de unir indivíduos com saberes distintos (SANTOS, 2021).

De acordo com LEVITIN (2006), há vários fatores naturais envolvidos na música, como os perceptivos, motores, cognitivos, psíquicos, emocionais e espirituais, sendo todos entrelaçados e interdependentes. Para Craveiro a;

Música... forças sonoras que conduzem à formação de imagens, à visualização de cores, cenas, formas, texturas etc. Música que narra, que descreve, que disserta. Música que faz percorrer o tempo numa velocidade inconcebível... música que conduz a um estado de pura virtualidade/.../música que conduz a outros estados de humor e de consciência...música que, muitas vezes, organiza e, outras tantas, desorganiza...música que, em alguns momentos, equilibra e, em outros, causa reação totalmente contrária...música-corporalidade, música-tempo...multiplicidades... (CRAVEIRO DE SÁ, 2003, p. b131).

Segundo a Portaria nº. 849, de 27 de março de 2017, que inclui a musicoterapia como utilização da música e seus elementos como forma de facilitar e promover a comunicação, bem como a utilização terapêuticas no sentido de alcançar necessidades físicas, emocionais, sociais e cognitivas, desenvolvendo potenciais e reinserindo o indivíduo de modo que ele melhore suas relações intra e interpessoal e conseqüentemente tenha uma melhor qualidade de vida.

Salienta-se que as oficinas terapêuticas com músicas são atividades que promovem encontros e inúmeras possibilidades de inovação, renovação física e mental, acolhimento, além de poderem fazer com que o indivíduo se sinta livre para se expressar, ou seja, a música permite a inclusão do indivíduo nos diversos âmbitos musicais (SANTOS, 2021).

Cada pessoa tem uma história particular e significativa com a música. No momento em que a fala some, a música libera. “ A música é uma das melhores maneiras de manter a atenção de um ser humano devido à constante mistura de estímulos novos e estímulos já conhecidos” (RUUD, 1986).

Entretanto, apesar das fortes raízes culturais, a música ainda é pouco explorada pelas práticas clínicas em psicologia como recurso terapêutico. No processo psicoterapêutico, ela representa a abertura de um campo diferenciado, articulado diretamente a saúde e a produção de subjetividade (ZANETTI, 2008).

VALE (2006), afirma que a música é utilizada como recurso coadjuvante no controle da dor, da ansiedade, estresse, assim como em cuidados paliativos e doenças que requerem estimulações como o Parkinson.

Estudos comprovam que a presença do som ritmado e harmônico podem aliviar a dor física e emocional, além de proporcionar a regularização do ritmo respiratório, relaxamento muscular e melhoria do sono (HATEM, 2006).

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, realizada em um CAPS na Zona da Mata Mineira. Godoy (1995) afirma que estudos qualitativos são realizados através do contato direto e prolongado do pesquisador em interação com o campo, ou seja, com lugares e pessoas, com o intuito de compreender como os fenômenos interpessoais que afetam a situação que está sendo estudada.

Este estudo faz parte do cumprimento do estágio supervisionado do curso de Psicologia do Centro Universitário Univértix. Foi realizado através de observação através do acompanhamento em oficina terapêuticas com pacientes internos do CAPS e em Centro Itinerantes nos bairros locais do município.

Segundo Danna e Matos (2011), a observação é utilizada para coletar dados acerca do comportamento e da situação ambiental. É relevante mencionar que ao

longo do avanço da psicologia o método de observar tem se mostrado o instrumento mais satisfatório durante a amostra de dados que irão responder informações oriundas sob a influência de dados pertinentes que estão acontecendo na realidade observada, e não sob uma perspectiva das suposições levantadas pelo observador, logo, este método possibilita uma melhor compreensão da natureza e das ações transformadoras mais eficazes.

O CAPS observado fica localizado em um município da Zona da Mata Mineira, e sua infraestrutura é composta por 01 sala para recepção, 04 banheiros (masculino/feminino), 01 sala para acolhimento psicológico, 01 sala para coordenação e assistente social, 01 cozinha, 01 enfermaria, 01 dispensa, 01 pátio de oficinas, 01 sala de espera, 01 sala de atendimento psiquiátrico, um corredor que dá acesso às demais salas. Devido o ambiente ser pequeno em relação a demanda de serviços ofertados, o CAPS conta com a extensão dos Centros Itinerantes para a realização de oficinas localizados nos PSF's de cada bairro.

O Centro de Atenção Psicossocial conta com uma equipe de 01 psicóloga de referência, 01 psicóloga de apoio à coordenação, 01 assistente social, 01 coordenadora, 02icineiras, 01 recepcionista e 01 médico psiquiatra, 02 enfermeiros, 01 motorista, 01 professor de música e 01 auxiliar de serviços gerais. A observação foi realizada entre os meses de setembro a novembro de 2022, no período de três a quatro horas durante 12 dias. A observação acontecia de forma sistemática, onde acompanhávamos o trabalho da Psicóloga, do Psiquiatra e das oficinas terapêuticas dos Centros Itinerantes, as quais ocorrem com pacientes da atenção primária nos PSFs de cada bairro.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como proposta para a obtenção dos resultados e discussões, acompanhamos as oficinas terapêuticas no CAPS, com aproximadamente 17 pacientes, cuja a faixa etária varia de 18 a 70 anos, sendo a maioria pacientes AD – álcool e droga.

Dentre as oficinas ofertadas no CAPS, destaca-se a musicoterapia. Segundo Lima (2013), a música é capaz de construir um laço entre aqueles que dela

compartilham. A música enquanto linguagem nos parece ser um elo para a compreensão do sujeito com o outro.

Tais fatos se comprovam na experiência obtida nas observações, das quais foi possível notar que a música era o único momento em que todos os pacientes paravam o que estavam fazendo e focavam sua atenção naquele momento. O paciente que cuidava da horta vinha correndo cantar, o porteiro pegava logo seu instrumento para ir tocar. A música era capaz de reunir todos e fazer com que todos expressassem suas emoções de alguma forma.

Dentro do momento das oficinas destinado a música, podemos dizer que ela auxiliava na construção ou no resgate de alguma lembrança boa. Muitas vezes, podendo ser proporcionados pelas letras das músicas que poderiam disparar alguma memória. O músico pegava seu violão, e os pacientes tocavam alguns instrumentos, todos no mesmo ritmo da música que por sua vez, era clássicos da MPB ou sertanejos raiz que eram as mais pedidas pelos pacientes.

Para Seki NH (2010), a música permite resgatar sentimentos positivos, melhorar a autoestima, transformar realidades, proporcionar alegria, relaxamento e tranquilidade, promovendo assim, bem-estar. Desde modo ela exerce funções que vão além da simples distração, tornando-se um meio de comunicação capaz de ultrapassar os limites da expressão verbal.

Em um dos encontros, um paciente mudo, pouco verbal, mas que entende tudo o que falamos pode expressar tudo aquilo que estava sentindo através do toque nos instrumentos. No começo ele começou a tocar pandeiro um pouco fora do ritmo da música, mas com o auxílio de alguns pacientes foi conseguindo chegar no ritmo certo. Era nítido sua alegria e felicidade em conseguir tocar e acompanhar a música.

Para alguns a música, talvez pela letra, outras vezes pela melodia evocada, funcionam como disparadoras de narrativas, de compartilhamento de histórias, de encontros (LIMA, 2013). Um dia, uma paciente com idealização suicida chegou na instituição para uma consulta ao psiquiatra pela primeira vez. Neste dia foi abordado a importância da valorização da vida na roda de conversa anterior a música. Embora a paciente estivesse frágil, e chorosa ela compartilhou todos suas angustias, suas dores, os julgamentos que sofrera pelas suas tentativas suicidas durante algumas

músicas que eram tocadas. Após seu relato cantamos para a ela a música Balada dos Loucos – Os mutantes, cuja letra nos diz:

“[...]dizem que sou louco por pensar assim
Se eu sou muito louco por eu ser feliz
Mas louco é quem me diz
E não é feliz, não é feliz [...]”

Após, fizemos uma reflexão sobre o que a letra da música nos fala. A paciente se sentiu mais leve, cantou outras músicas. Alguns pacientes lhe ensinaram a tocar alguns instrumentos e mesmo com receio de tocar errado ela tentou. Neste dia ela entrou no CAPS chorando e saiu sorrindo após o momento da música que a fez se sentir acolhida. A paciente relatou sobre o poder que a música tem de nos tocar, de suas letras falarem conosco e nos transformar de tal forma que é difícil de explicar.

Franzoi (2016), afirma que a musicoterapia contribui para romper com os padrões de isolamento, favorecer a comunicação verbal e não verbal como era o caso do paciente mudo que se libertava através da música, bem como estimular a auto expressão e a manifestação da subjetividade.

Cada paciente ali presente, tocava o instrumento e cantava de maneira única e singular, sem julgamentos, cada um do seu jeito. O momento da musicoterapia deixava o ambiente mais leve, alegre e unido. Era a única oficina onde nenhum paciente se recusava a fazer, todos faziam por livre e espontânea vontade, podiam escolher suas músicas, tocar seus instrumentos e serem quem eles realmente eram. É importante mencionar, que após a musicoterapia, havia um momento de reflexão para o paciente falar tudo aquilo que estava sentindo, o que a música lhe proporcionou.

Conforme Batista (2016) nos fala, se considerarmos alguns aspectos da realidade dos sujeitos em tratamento nos CAPS vez que, muitos vínculos são rompidos em decorrência do processo de dependência de álcool ou outras drogas, estes usuários podem apresentar dificuldades em estabelecer novos vínculos. Assim pode-se afirmar que a musicoterapia grupal, tem sido reconhecido como um potencializador para o estabelecimento de novos vínculos e da manutenção deles, sendo, portanto, um fator positivo no fortalecimento dos vínculos. A música no CAPS, a música proporciona o compartilhamento se problemas, interação com o

outro ao dar apoio e auxílio nas dificuldades. Ademais, também cumpre outros objetivos como a ampliação de conhecimentos e potencialidades pessoais e desenvolvimento de práticas voltadas às questões sociais e culturais.

Sekeff, (2007) afirma que a música é um recurso de desenvolvimento pessoal, equilíbrio, estímulo e integração do indivíduo ao meio em que se encontra, capaz de beneficiar o desenvolvimento de potencialidades. Ao utilizar a música em um grupo estimula-se a criatividade, o relaxamento e a diversão. Logo, a música é capaz de favorecer a interação social. Dentro dessa perspectiva uma atividade grupal que gera emoções positivas como a musicoterapia ajuda na construção dos vínculos interpessoais. O papel da música como intermediadora das relações que são desenvolvidas no setting terapêutico, facilita o estabelecimento de novos vínculos, por meio da conscientização de si e do outro dentro da perspectiva do coletivo (BATISTA, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo desse estudo constituiu em analisar o uso da música no tratamento de usuários de um CAPS. Evidenciou-se que a música promove a ressignificação de lembranças, memórias positivas, expressão de emoções e sua utilização no contexto terapêutico favorece o equilíbrio interno e facilita espaços de trocas nos grupos.

A música se mostra como um componente significativo, potencializador de mudanças individuais e coletivas e, por isso, deve estar mais presente nas ações terapêuticas voltadas para a reabilitação e inclusão.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. M. C. Política de saúde mental no Brasil: o que está em jogo nas mudanças em curso. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 35, n. 11, p. 35, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00129519> Acesso em: 04 de outubro de 2022.

BANDEIRA, Noemi e Onocko-Campos, Rosanaltinerários terapêuticos de usuários que abandonaram o cuidado em Centros de Atenção Psicossocial (Caps-III). **Saúde em Debate [online]**. 2021, v. 45, n. 128 [Acessado 3 Outubro 2022] , pp. 91-104. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-1104202112807> Epub 24 Maio 2021.

BERNARDI, A. B.; KANAN, L. A. Características dos serviços públicos de saúde mental (Capsi, Capsad, Caps III) do Estado de Santa Catarina. **Saúde Debate**, Florianópolis, v. 39, n. 107, p. 1.105-1.116, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Reforma Psiquiátrica e Política de Saúde Mental no Brasil**. Documento apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas. OPAS. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2005.

BRASIL . Ministério da Saúde. **Portaria GM/MS nº 336, de 19 de Fevereiro de 2002**. Estabelece que os Centros de Atenção Psicossocial poderão constituir-se nas seguintes modalidades de serviços: CAPS I, CAPS II e CAPS III, definidos por ordem crescente de porte/complexidade e abrangência populacional. Diário Oficial [da] União, Brasília, DF, 9 fev. 2002b. Disponível em: http://www.saude.mg.gov.br/images/documentos/Portaria_336.pdf Acesso em: 05 de outubro de 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica**. Saúde mental / Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. - Brasília: Ministério da Saúde, 2013

BRASIL. Ministério da Saúde. **A Política do Ministério da Saúde para atenção integral a usuários de álcool e outras drogas**. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria n.º 849, de 27 de março de 2017**. Inclui a Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, 75 Terapia Comunitária Integrativa e Yoga à Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares. Brasília, DF, 2017. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt0849_28_03_2017.html. Acesso em: 03 de outubro de 2022.

BATISTA, N. da S.; RIBEIRO, M. C. O uso da música como recurso terapêutico em saúde mental. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, [S. l.], v. 27, n. 3, p. 336-341, 2016. DOI: 10.11606/issn.2238-6149.v27i3p336-341. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/105337> Acesso em: 15 nov. 2022.

CAMPOS, N. L.; KANTORSK, L. P. **Música**: abrindo novas fronteiras na prática assistencial de enfermagem em saúde mental. R Enferm. UERJ, Rio de Janeiro, v.16, n. 1, p. 88-94, jan-mar, 2008.

CRAVEIRO DE SÁ, L. **A teia do tempo e o autista**: Música e Musicoterapia. Goiânia: UFG, 2003.
Eraldo Carlos Batista, Dayane Fernandes Ferreira **Revista Psicologia em Foco** 7 (9), 67-79, 2015.

FRANZOI, Mariana André Honorato *et al.* INTERVENÇÃO MUSICAL COMO ESTRATÉGIA DE CUIDADO DE ENFERMAGEM A CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO EM UM CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL¹ 1 Elaborado a partir de Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Especialização em Linhas de Cuidado - Área Atenção Psicossocial, do Departamento de Enfermagem e Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). . **Texto & Contexto - Enfermagem [online]**. 2016, v. 25, n. 1 [Acessado 15 Novembro 2022] , e1020015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0104-070720160001020015>>. Epub 22 Mar 2016. ISSN 1980-265X. <https://doi.org/10.1590/0104-070720160001020015>.

Hatem, Thamine P., Lira, Pedro I. C. e Mattos, Sandra S. Efeito terapêutico da música em crianças em pós-operatório de cirurgia cardíaca. **Jornal de Pediatria [online]**. 2006, v. 82, n. 3 [Acessado 15 Novembro 2022] , pp. 186-192. Disponível em: <<https://doi.org/10.2223/JPED.1473>>. Epub 10 Jul 2006. ISSN 1678-4782. <https://doi.org/10.2223/JPED.1473>. L EVITIN, D. J. Em busca da mente musical. In: ILARI, B. (org.). Em busca da mente musical: ensaios sobre os processos cognitivos em música – da percepção à produção. Curitiba: UFPR, 2006.

Lima, Carolina Mousquer e Poli, Maria Cristina Música e um pouco de silêncio: da voz ao sujeito. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica [online]**. 2012, v. 15, n. spe [Acessado 15 Novembro 2022] , pp. 371-387. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982012000300002> Epub 05 Feb 2013. ISSN 1809-4414. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982012000300002>.

Organização Mundial da Saúde. Plano de ação sobre Saúde Mental 2013-2020 [internet]. **Ginebra: OMS**; 2013. Disponível em: https://www.who.int/mentalhealth/publications/action_plan/es/. Acessado em 03 de outubro de 2022.

RUUD, Even. **Música e Saúde**. 2^a ed São Paulo: Summus, 1986. P. 31

SANTOS, Thiago Celmir Vieira Marques dos. Promovendo saúde mental através da música no caps-ad amor e esperança em Arapiraca-AL. 2022. 39 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Saúde Pública) - Faculdade de Medicina, **Núcleo de Saúde Pública, Rede Brasileira de Escolas de Saúde Pública/FIOCRUZ**, Curso de Especialização em Saúde Pública, com ênfase na Interprofissionalidade, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/123456789/9142> . Acesso em: 04 de outubro de 2022.

SEKEFF, Maria de Lourdes. **Da música, seus usos e recursos**. 2.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2007. 190 p.

SEKI, Natalie Hidemi e Galheigo, Sandra Maria. O uso da música nos cuidados paliativos: humanizando o cuidado e facilitando o adeus. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação [online]**. 2010, v. 14, n. 33 [Acessado 15 Novembro 2022] , pp.

273-284. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832010000200004> Epub 27 Ago 2012. ISSN 1807-5762. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832010000200004>. Vale, Nilton Bezerra do Análgesia adjuvante e alternativa. **Revista Brasileira de Anestesiologia [online]**. 2006, v. 56, n. 5 [Acessado 15 Novembro 2022] , pp. 530-555. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-70942006000500012>>. Epub 22 Set 2006. ISSN 1806-907X. <https://doi.org/10.1590/S0034-70942006000500012>

ZANETTI, Clovis Eduardo. O Acompanhamento Terapêutico (AT) no hospital geral: Música e Psicologia aplicada à saúde. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro , v. 11, n. 1, p. 49-59, jun. 2008 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151608582008000100005&lng=pt&nrm=is . acessos em 04 out. 2022.00